

A alfabetização de adultos como ato de conhecimento

Enquanto ato de conhecimento, a alfabetização deve ter como objeto também desvelar as relações dos seres humanos com o seu mundo. Dizer a palavra é o direito de expressar-se e expressar o mundo, de criar e recriar, de decidir, de optar

Paulo Freire *

Para ser um ato de conhecimento o processo de alfabetização de adultos exige entre educadores e educandos, uma relação de autêntico diálogo. Aquela em que os sujeitos do ato de conhecer (educador-educando; educando-educador) se encontram mediatizados pelo objeto a ser conhecido. Nesta perspectiva, portanto, os alfabetizando assumem, desde o começo mesmo da ação, o papel de sujeitos criadores. Aprender a ler e escrever já não é, pois, memorizar sílabas, palavras ou frases, mas refletir criticamente sobre o próprio processo de ler e escrever e sobre o profundo significado da linguagem.

Assim como não é possível linguagem sem pensamento e linguagem-pensamento sem o mundo a que se referem, a palavra humana é mais que um mero vocábulo - é palavração.

Enquanto ato de conhecimento, a alfabetização, que leva a sério o problema da linguagem, deve ter como objeto também desvelar as relações dos seres humanos com o seu mundo.

A análise destas relações começa a aclarar o movimento dialético que há entre os produtos que os seres humanos criam ao transformarem o mundo e o condicionamento que estes produtos exercem sobre eles. Começa a aclarar, igualmente, o papel da prática, na constituição do conhecimento e, conseqüentemente, o rol da reflexão crítica sobre a prática. A unidade entre prática e teoria, ação e reflexão, subjetividade e objetividade, vai sendo compreendida, em termos corretos, na análise daquelas relações antes mencionadas.

Leia, assinie e divulgue Movimento; em defesa das liberdades democráticas, da independência nacional e da elevação do padrão de vida dos trabalhadores. Leia, assinie e divulgue Movimento; em defesa das liberdades democráticas, da independência nacional e da elevação do padrão de vida dos trabalhadores. Leia, assinie e divulgue Movimento; em defesa das liberdades democráticas, da independência nacional e da elevação do padrão de vida dos trabalhadores.

Os analfabetos sabem que são seres concretos. Sabem que fazem coisas. Mas o que às vezes não sabem, na cultura do silêncio, em que se tornam ambíguos e duais, é que a sua ação transformadora, como tal, os caracteriza como seres criadores e recriadores. Submetidos aos mitos da cultura dominante, entre eles o da sua "natural inferioridade", não percebem, quase sempre, a significação real da sua ação transformadora sobre o mundo. Dificultados em reconhecer a razão de ser dos fatos que os envolvem, é natural que muitos, entre eles, não estabeleçam a razão entre não "ter voz", não "dizer palavra", e o sistema de exploração em que vivem.

Gostariamos de salientar que toda a tentativa de desenvolver um tal reconhecimento fora de práxis, fora da ação e da reflexão, nos pode conduzir a puro idealismo. Mas, por outro lado, é verdade também que toda a ação sobre um objeto deve ser criticamente analisada no sentido de compreender-se não apenas o objeto mas também a percepção que dele se tinha ou se tem ao atuar-se sobre ele. O ato de conhecer envolve um movimento dialético que vai da ação à reflexão sobre ela e desta a uma nova ação. Para o educando conhecer o que antes não conhecia, deve engajar-se num autêntico processo de abstração por meio do qual reflete sobre a totalidade "ação-objeto", ou em outras palavras, sobre formas de "orientação no mundo". Este processo de abstração dá-se na medida em que se lhe apresentam situações representativas da maneira como o educando "se orienta no mundo" - momentos de sua vida cotidiana - e se sente desafiado a analisá-las criticamente.

Ao ser uma reflexão crítica de ambos, educador-educando e educando-educador, o processo de alfabetização deve relacionar o ato de transformar o mundo como ato de "pronunciá-lo".

Não há "pronúncia" no mundo sem consciente ação transformadora sobre o mesmo. Mas é necessário sublinhar-se, também, que há diferentes maneiras de "pronunciar o mundo". A maneira dos dominantes,

que determina o silêncio das classes dominantes ou a aparência da sua voz, na sua recuperação por aquelas; e a dos dominados, que demandam a sua organização revolucionária para a abolição das estruturas de opressão.

A percepção de tudo isto é indispensável aos alfabetizando, se a nossa opção é realmente libertadora. Tal percepção ajuda-os a rejeitar o perfil que deles fazem as classes dominantes como "marginais" e a encarnar-se como classe dominada, cuja tarefa não se esgota em serem mecanicamente alfabetizados, mas lhes impõe o dever de "pronunciar o mundo" à sua maneira.

Por outro lado, a alfabetização, como um ato de conhecimento, pressupõe uma teoria do conhecimento e um método que corresponde a esta teoria.

Reconhecemos a indiscutível unidade entre subjetividade e objetividade no ato de conhecer. A realidade concreta nunca é, apenas o dado objetivo, o fato real, mas também a percepção que dela se tem. Esta não é uma afirmação idealista, como poderia parecer. Idealismo existiria se, rompendo a unidade dialética subjetividade-objetividade, submetêssemos esta aos caprichos daquela.

Como um ato de conhecimento, o processo de alfabetização implica na existência de dois contextos dialeticamente relacionados. Um é o contexto do autêntico diálogo entre educadores e educandos, enquanto sujeitos de conhecimento. É o contexto teórico. O outro é o contexto concreto, em que os fatos se dão - a realidade social em que se encontram os alfabetizando.

**Este texto do educador brasileiro Paulo Freire foi extraído do "Jornal da Educação", publicado em Lisboa. Trata-se de uma apresentação geral de seu livro "Ação Cultural para a Libertação", a ser editado brevemente, no qual estão reunidos textos escritos entre 1968 e 1974.*